

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco

Autores: Andrea Luiza Bonfim Santos e Jordana Gonçalves Leão

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques

Painel: “MISÉRIA: A ‘VIOLÊNCIA-MÃE’, NA HISTÓRICA PERSPECTIVA DE DOM HELDER CAMARA”

## **Introdução**

A pesquisa sobre a miséria, enquanto violência e guerra, denunciada por Helder Camara, será apresentada sob o prisma de nossa concepção histórica. Para nós, a análise histórica reveste-se de inúmeros significados e dela podem surgir os mais variados sentidos e interpretações. Por isso, nossa pesquisa não pretende ser a última palavra, mas apenas a porta aberta para uma (ou muitas) reflexões sobre a realidade. Pois, na concepção que defendemos, a História não é morta. É constante movimento. E o passado, nesse processo, é analisado e sentido a partir das questões do nosso presente. Logo, a escolha do tema. Nosso olhar, marcado pelos questionamentos surgidos em face da miséria que ainda hoje esmaga milhões de pessoas, voltou-se para o período de 64 a 74, anos de chumbo da ditadura militar no Brasil. E debruçou-se sobre as marcas, os indícios que registraram as idéias de Dom Helder, e demonstram sua visão a respeito das injustiças sociais, avaliadas nacional e internacionalmente.

Nossa proposta será enfatizar o problema grave que ele identifica na miséria, considerando principalmente a ética de seu pensamento e a crença na força das idéias, como base fundamental para a construção de um mundo mais respirável.

Na tentativa de enxergar os rastros de seu pensamento, utilizamos a análise de discursos proferidos no Brasil e no exterior, de jornais nacionais, e, sobretudo, de alguns escritos que fazem parte de um *corpus* constituído por 2.122 cartas que ele dirigiu à sua equipe e intitulou Cartas Circulares.

O intuito maior desse trabalho é voltar os olhos para um passado tão próximo, buscando nele reconhecer as idéias de um ser humano falando a outros seres humanos, tão humanos quanto ele próprio, num difícil período da conjuntura brasileira. Junto com os que partilham (e partilharão) dessa pesquisa, pretendemos trazer à tona, para novas discussões, o pensamento de Helder Camara, suas ações, seus sonhos, suas utopias... Enfim, o olhar que pudemos perceber, compartilhado e também marcado pelos que, com ele, fizeram história. Visões de mundo que incomodaram poderes estabelecidos e que chegam a nós, hoje. Revelando o quanto certas idéias podem ser um instrumento forte para se pensar e transformar a realidade. Motivando a opinião pública para refletir não só sobre a questão da miséria social que ainda hoje é, como dizia Helder Camara, “uma guerra tão grave como a guerra nuclear e a guerra bioquímica”, como também, pensar sobre quais eram as possíveis saídas propostas por este cidadão-ativo para que “os desertos se tornassem férteis”.

## **O Olhar**

“O que é um olhar?” indaga-nos Helder Camara em *Um Olhar Sobre a Cidade*. Em seguida elucida: “Quando, depois de 10 ou 15 dias de chuva, começa uma estiagem que passa de uma semana, de duas, o nordestino olha o céu... Olhar de inquietação, mais ainda de esperança e até de prece! E quando o céu está nublado, escuro, ameaçando chuva, quem é do Sul é capaz de achar o tempo feio: o nordestino acha o tempo bonito, porque, quem sabe, vai trazer a esperada chuva...”<sup>1</sup>. O Olhar pode se constituir no ponto de partida para as variáveis construções de mundo, na busca de interpretações e sobretudo na tentativa de se extrair das coisas um sentido para o nosso viver, estando claro que “não basta abrir os olhos para olhar...”. Através da capacidade de olhar, Helder Camara soube conferir, ao céu nublado dos anos duros da ditadura militar, a beleza da esperança. O que a repressão tentou impor-lhe foi a ausência de palavras, mas não pôde impor a ausência do olhar, cujo legado à humanidade foi a idéia de que é possível fertilizar o deserto.

Foi o olhar lançado sobre os miseráveis que o procuravam no Palácio dos Manguinhos e, posteriormente, na Igreja das Fronteiras no Recife, que lhe permitiu apresentar ao mundo a voz de milhões e milhões que possuíam os mesmos problemas, os mesmos sonhos, a mesma fé... “Tudo tão parecido. A mesma raça, a mesma gente. Os mesmos problemas, a mesma bondade. Tudo é o povo de Deus. A nossa família”<sup>2</sup>. Eis uma capacidade do olhar: capacidade de identificar pessoas além de suas aparências, humanizando-as. O olhar de D. Helder Camara fez ecoar a voz da fome, da miséria: “Ando cheio de Pobres, a quem, graças a Deus, conheço pelo nome... Com carne a 2 mil e feijão a 800 cruzeiros, a fome anda alta...”, dizia ele. “Permitam alguns flagrantes:

- ‘Meu café, meu almoço e meu jantar é manga da casa do Senhor...’
- ‘O doutor diz que eu preciso comer carne: só se for carne de braço...’
- ‘O senhor veve dizendo que isto aqui vai miorar. Nem posso dizer que só se for no dia em que meus netos for avô, porque os bichinhos vão tudo morrer de fome...’<sup>3</sup>.

O que é um olhar? Para Helder Camara, a primeira porta no percurso da concretização das idéias.

### “A Bomba M”

Qual teria sido a impressão de Helder Camara, em 1964, ao se deparar com o Recife? Uma meditação nos permite observar o que a situação vislumbrada lhe despertara: “No casebre miserável/ ‘Mocambo como se diz aqui,/ o pobre me convidou/ para o almoço./ Não estivesse tão acompanhado/ e ficaria./ Que teria ele no barraco sórdido,/ metido na lama,/ para oferecer?.../ Perguntei por perguntar./ Ele apenas/ Te emprestou os lábios./ O convite partiu de Ti:/ o anfitrião/ eras Tu”<sup>4</sup>. Logo o olhar se aguçara para a situação gritante que o ‘anfitrião’ fez questão de ouvir e registrar: “Por que é que terra não alimenta a gente?... Ou melhor ainda, o ar?”. “O senhor precisa ter sal pra dar a gente. Nada engana tanto a fome como água com sal. Engana mais que cachaça”<sup>5</sup>. Era a voz do desespero que ressoava aos ouvidos e ao coração. Talvez por isso comentou: “Minha gente é feia? Tem é fome. (...) Pra entender por que cai tanto mocambo, é preciso ter presente que eles são construídos sobre mangues que têm mares, que enchem e esvaziam, levando consigo na subida e na descida, os navios (ou barcos, que não chegam a ser navios) negreiros onde mora o meu povo...”. Ainda adverte: “Onde estão os teólogos para mergulhar as mãos em realidades assim?”<sup>6</sup>. Este convite foi estendido não apenas aos teólogos mais a muitos em várias partes do mundo. As imagens de vida dura e real permearam os discursos, que denunciavam o que não era possível ignorar: “Muitos dos Governos Latino-americanos, talvez sem notar e sem querer, estão preparando a explosão da pior das bombas nucleares, pior que a bomba H: a bomba M, bomba da Miséria”. “Preparam a bomba M os que se acovardam diante dos Poderosos e Privilegiados, e fazem de conta que elaboram leis de reformas de estruturas...”. “Preparam a bomba M os que temem a conscientização das Massas e tentam impedi-la com a acusação cavilosa e já agora ridícula de subversão e comunismo”. “Preparam a bomba M os que buscam reprimir pela força o protesto dos jovens, dos trabalhadores e da própria Igreja, na medida em que se sente na obrigação humana e cristã de emprestar a voz aos que não podem falar”<sup>7</sup>. Esta bomba, fabricada pelo descaso humano, foi a razão de muitas de suas denúncias, porém, como afirmava, era preciso acreditar além de toda esperança, pois tinha a convicção que “o grande embate daqueles dias era a miséria”. Mas que “não se dissesse que ela era INVENCÍVEL”. Restava buscar as saídas...

### Ação Não-violenta em Busca de Reformas Estruturais

Denunciado o problema, demonstrado que a miséria era a erupção de um problema com causas profundas, era preciso ir “ao âmago do problema”.

Na análise documental apresentou-se a nós um Helder Camara marcado pelo seu tempo, convivendo com a miséria em momentos turbulentos. No período em que ora nos detemos, muito se escreveu sobre seus embates com a

ditadura militar<sup>8</sup>. Mas, como mencionado anteriormente, nossa preocupação é tentar dar luz ao sentido de suas idéias, esta sim, é nossa principal questão. Para isso, tivemos antes de tudo que buscar no lado humano, de Helder Camara, a mística de seus ideais. E encontramos nesses, a proposta essencial: a idéia de um “movimento pacífico que mudasse mentalidades, no sentido de torná-las favoráveis à transformação estrutural de uma sociedade”. Só assim haveria esperança para a superação das condições infra-humanas de vida. Transcendeu-se, de uma visão paternalista e assistencialista, para a defesa ativa de mudanças estruturais. “Proposta para vários *fronts*: pessoal, local, regional, nacional, continental, do Terceiro Mundo e internacional”<sup>9</sup>.

O pensamento, influenciado pela nova conjuntura mundial – renovação de idéias advindas do Concílio Vaticano II, Encíclicas *Populorum Progressio*, *Pacem in Terris*, defesa cada vez mais constante dos direitos humanos e propostas da Conferência de Medellín – demonstra que bebia em várias fontes e tornava-se instrumento de divulgação das idéias que considerava incentivadoras da promoção humana e justiça social. É assim que o enxergamos nessa pesquisa, como a antena que captava e interagia, procurando tornar a si próprio e aos outros, efeitos multiplicadores.

Enquanto mediador para “fazer pensar a realidade”, descobrimos em alguns jornais, as propostas que trazia. Em 1967, o *Jornal do Commercio* anuncia: “Helder diz que é Pastor Revoltado com a Situação Sub-humana do Nordeste”. Nesta notícia podemos destacar um dos trechos citados da entrevista que concedeu a revista francesa *Realité*: “(...) Nós devemos sacudir as estruturas mentais, agitar as consciências senão elas continuarão a vegetar na situação sub-humana em que vivem milhões de brasileiros e, ainda, mais numerosos latino-americanos e, mais ainda, as criaturas humana de todo o mundo”<sup>10</sup>. No ano de 1968, o *Diário de Pernambuco* informa: “Conjuntura Nacional exige Reformas de Mentalidade, anuncia D. Helder”. Mencionando o que dizia: “A situação brasileira está a exigir urgentes e corajosas reformas de mentalidade e de estruturas que assegurem a todo o povo, sem discriminação, a participação consciente, livre e solidária no processo de desenvolvimento nacional”<sup>11</sup>.

Quanto aos discursos<sup>12</sup>, a impressão que tivemos ao analisá-los é que um pensamento que buscava respostas mais profundas para o desenvolvimento integral da realidade social surgia em palavras, como água que desponta em desertos, procurando outros olhos d’água, para que, mesmo que parecesse difícil, se transformasse em grandes porções. Naqueles jornais e nestes discursos, percebemos a grande preocupação: urgência de reformas estruturais, através daquilo que Helder Camara chamava de “pressão moral libertadora”, resultado de um movimento pacífico.

Dito tudo isto, pretendemos trazer à tona o fio condutor de nosso trabalho, que é o pensamento ético deste ser humano e sua crença na força das idéias. Nisto, para nós, está a essência do que trouxe para a consciência ética do mundo. Mas, que idéias podem ganhar vida em meio a tantas citações? A mais profunda delas, sobre a qual dirigimos nosso enfoque está na grande proposta: MUDAR PENSAMENTOS, PARA AÍ SIM, MUDAR ESTRUTURAS.

Sua preocupação com ‘Zé, Antônio, Severino’, que não perderam a dignidade mesmo estando numa condição sub-humana de miséria, é o cerne da razão de muitas de suas palavras. Na 5ª Carta Circular, de 13/14.12.1965, cita João Cabral de Mello Neto, “(...) *E se somos Severinos/ iguais em tudo na vida/ morremos de morte igual mesma morte severina/ que é a morte que se morre/ de velhice antes dos trinta/ de emboscada antes dos vinte/ de fome um pouco por dia (...)*”. Em seguida reflete: “Dez anos se passaram, depois que o nosso Poeta viu o que muitos e muitos não viam e continuam a não ver. Depois que ele emprestou voz a quem via, entendia e não sabia interpretar... Continuam e se agravam a morte e vida severina...”. Esse era o sentimento. Porém nenhuma de suas sugestões de aproximação do mundo desenvolvido com o mundo subdesenvolvido, as propostas sobre reformas estruturais, a superação do colonialismo interno, a mudança na política internacional do comércio, as ações para justiça e paz, a superação da fome pelo desenvolvimento – nada disso teria sentido, se não se acreditasse na pessoa humana, e mais ainda, em sua humanização.

Nesse sentido, nos foi possível observar que por maiores que fossem os obstáculos, impostos por uma época atribulada, de censuras, entraves e perseguições, houve a tentativa de desenvolver um movimento pacífico que tinha primeiramente como força propulsora, a mudança das estruturas do pensamento, voltando-os para as causas da justiça e da paz. Pois as ações partem de pensamentos, de ideais, de valores. Se esses valores forem doentes, as ações políticas, econômicas, sociais, também o serão. Helder Camara percebeu isso e procurou disseminar suas idéias no Brasil e fora dele. Sua percepção era mundial, porque o problema é mundial, e ao mesmo tempo, um só. Sabia e enfatizou, como já mencionamos, que era preciso ir ao âmago dos problemas. E o âmago que queremos destacar está em dois pólos trabalhados por Helder Camara:

1. Conscientização interior, motivação a novos pensamentos, voltados para o outro que em qualquer parte, e em qualquer situação, tem o direito de ser respeitado;

2. Reflexão e mudança interior para mudar estruturas externas.

Estes dois pilares de seu pensamento, podiam ser levados a qualquer parte do mundo. Aí está a ética, a utopia, que não era temida, pois para ele “quando compartilhada com milhões é o esteio da História”. Logo, percebe-se que sua proposta não era apenas para fazer pensar o cérebro, mas, sobretudo, para fazer sentir o coração. Proposta pacifista, também, de certa forma, registrada na 200ª Carta Circular, em 05.06.1967: “Por mais que respeite os que, na luta pela mudança social profunda e rápida, desesperam dos modos democráticos e partem para movimentos armados, para revoluções sangrentas e guerrilhas, não creio no ódio. Os movimentos armados são rápidos demais: trocam homens, sem tempo de mudar mentalidades. Temos que atingir consciências, temos que converter ...”. “Creio na força das idéias, quando veiculadas devidamente(...)”. Eis aqui a crença no que impulsiona todas as organizações, os movimentos, as estruturas concretas que fundamentam a política, a economia, a sociedade, a cultura: o pensamento. Com ele construímos o mundo baseado em valores e é nele que se detinha Helder Camara. Daí a proposta por uma “pressão moral libertadora” e “educação libertadora”, “irmãos inseparáveis”, em busca de conscientização e promoção humana. Para aquele, um dos maiores entraves na marcha para uma “comunidade mundial”, estava na esfera pessoal, advertindo que para se conseguir este intento “a primeira vitória a conseguir é a de cada um em seu próprio íntimo”. E alertando que “quando não rompe a carapaça do egoísmo, quem não sair de si mesmo, quem gira sempre em volta do próprio eu – e em lugar de ver, apenas se vê, em lugar de ouvir; apenas se ouve; em lugar de amar, apenas se ama jamais contribuirá, de maneira válida, para as primeiras comunidades, ensaios indispensáveis para empreendimentos mais grandiosos”, pois ainda há aqueles que “são, quando muito, arquipélagos: ilhas vizinhas, mas cada uma cercada de egoísmo por todos os lados”<sup>13</sup>.

Dessa forma, deixa claro que os seres humanos são sujeitos da história e, sendo assim, no período analisado, propunha que “assumissem a responsabilidade que lhes cabia como co-criadores e condutores da aventura terrena”.

Em meio a tudo isso, muitos se perguntavam: Como agir? Como vencer obstáculos que pareciam insuperáveis, em meio a tantas desigualdades, estruturas opressoras, guerras, ditaduras, separação gritante entre uma minoria que tinha muito e a maioria que vivia na miséria? Talvez possamos refletir a resposta através da meditação que se encontra na 6ª Carta Circular, de 18/19.04.1964:

*“Mergulha a fundo/ nos planos divinos/ mergulha o mais que puderes:/ sem medo da massa líquida/ sobre teu corpo frágil;/ sem medo de peixes vorazes/ que te devorem ou te mutilem;/ sem medo de correntes submarinas/ que te arrastem traiçoeiras.../ Simplesmente sem medo./ Quanto mais te entregares/ mais serás conduzido/ como criança/ que Mãe solícita/ envolve nos braços/ e leva ao abrigo de todos e de tudo”.*

Mergulhar fundo porque há “razões divinas e razões humanas para se ter esperança”, “sem pobreza de visão, pobreza de sentimentos e pobreza de coragem”, pois sempre haverá “réstias de luz, na noite densa”. Estas as idéias

disseminadas por Helder Camara, cuja visão de mundo tentamos captar na construção de nosso entendimento sobre sua figura, em tempos de tempestades sociais, em tempos de miséria...

## Conclusão

Fazer pensar e sentir que os problemas sociais, miséria e fome, são apenas a ponta de um iceberg... Que suas causas mais profundas estão interligadas à visão de mundo que se tem... Que sua superação está, sobretudo, na coragem de iniciar a modificação de estruturas desumanas, primeiro a partir de nós mesmos... Esta a razão de ser de nossa pesquisa. Pois, como coloca Leonardo Boff, “o estado do mundo está ligado ao estado de nossa mente. Se o mundo está doente é indício de que nossa psique também está doente. Há agressões contra a natureza e vontade de dominação porque dentro do ser humano funcionam visões, arquétipos, emoções que levam a exclusões e a violências”<sup>14</sup>.

Por meio do resgate histórico, tanto das idéias quanto de sua corajosa veiculação, idéias e veiculação que, pela repercussão mundial que tiveram, deixaram abundantes fontes documentais, defendemos a relevância de trazer para pauta de discussões o recorte que fizemos, sobre as considerações de Helder Câmara, nos anos da ditadura militar no Brasil. Se ao menos através da reconstrução histórica que tentamos tecer, incentivarmos reflexões interiores, como a que suscita aquele pensador com a meditação “Comunhão entre Sujeitos”, encontrada na 555ª Carta Circular, em 11/12.07.1969 – “*Que nem eu tente/ transformar-te em objeto, nem tu também em objeto me tente transformar./ Porque não nos tratarmos/ como sujeitos/ que se ajudam,/ se completam,/ se enriquecem?.../ Poderíamos partir/ para ajudar os irmãos/ a livrar-se da deturpação do amor,/ em risco permanente de tornar-se/ dominação para uns,/ escravidão para outros!...*” – teremos conseguido o nosso intento. Ainda mais, se tivermos despertado um pouco a música e harmonia que existe em nós, já que para Helder Câmara, “o papel da verdadeira música é o de despertar essa música interior, que a dura vida que levamos põe a dormir”, sempre a serviço da marcha das idéias.

## Notas

<sup>1</sup>CAMARA, Helder. Um Olhar Sobre a Cidade. São Paulo: Paulus, 1995. p.7

<sup>2</sup> 9ª Carta Circular. Recife, 09.05.1964. p. 4

<sup>3</sup> 28ª Carta Circular. Recife, 24.01.1966. pp.1-2

<sup>4</sup> 6ª Carta Circular. Recife, 18/19.04. 1964. p. 1

<sup>5</sup> 28ª Carta Circular. Recife, 22/25.01.1966. p. 2

<sup>6</sup> 55ª Carta Circular. Recife, 15/16.07.1964. p.1-2

<sup>7</sup> Discurso “Violência dos Pacíficos”, proferido por Helder Camara no Recife em 02.10.1970.

<sup>8</sup> Ver: CIRANO, Marcos. *Os Caminhos de Dom Helder: Perseguições e Censura (1964-1980)*. Recife: Editora Guararapes, 1983; FERRARINI, Sebastião Antônio. *A Imprensa e o Arcebispo Vermelho*. São Paulo: Paulinas, 1992; SERBIN, Kernnet. P. *Diálogos na Sombra: Bispos e Militares, Tortura e Justiça Social na Ditadura*. Tradução de Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>9</sup> PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Camara: Entre o Poder e a Profecia*. São Paulo: Editora Ática, 1997. p.348 -349.

<sup>10</sup> Jornal do Commercio, 27.04.67.

<sup>11</sup> Diário de Pernambuco, 23.07.1968.

<sup>12</sup> Ver discursos: “*Vamos ao Âmagô do Problema*”. Amsterdam (Holanda), 27.11.1965; “*Superação do Colonialismo Interno*”. Rio Grande do Norte (Brasil), 08.12.1966; “*Imposições da Solidariedade Universal*”. São Paulo (Brasil), 19.06.1967; “*Violência: Única Opção? Um Bispo se Interroga*”. Paris (França), 25.04.1968; “*A Pobreza na Abundância*”. Bélgica, 19.04.1968; “*Ou Todos ou Nenhum*”. São Paulo (Brasil), 27.09.68; “*Violência dos Pacíficos*”.

Recife (Brasil), 02.10.1968; “*Emagados por uma Tríplice Violência*”. Londres (Inglaterra), 13.04.1969; “*Esperança em uma Comunidade Mundial*”. Winnipeg (Canadá), 13.01.1970; “*Homem Queres Ser Livre?*”. Friburgo (Suíça), 17.07.1971; “*Se Queres a Paz, Trabalha pela Justiça*”, Kansas City (Estados Unidos), 15.01.1972.

<sup>13</sup> Palestra “Esperança em uma Comunidade Mundial”, proferida por D. Helder em Winnipeg (Canadá), 13.01.1970.

<sup>14</sup> BATESON *apud* BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Editora Ática, 1995. p.22

### Indicações bibliográficas

BARROS, Raimundo Caramuru; OLIVEIRA, Lauro de (organizadores). *Dom Helder: O Artesão da Paz*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CAMARA, D. Helder. *Um Olhar Sobre a Cidade*. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. *Indagações Sobre uma Vida Melhor*. 3ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

\_\_\_\_\_. *O Deserto é Fértil*. 13ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

\_\_\_\_\_. *Mil Razões Para Viver: Meditações de Padre José*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

CASTRO, Marcos. *Dom Helder: Misticismo e Santidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CIRANO, Marcos. *Os Caminhos de Dom Helder: Perseguição e Censura (1964-1980)*. Recife: Editora Guararapes, 1983.

FERRARINI, Sebastião Antônio. *A Imprensa e o Arcebispo Vermelho*. São Paulo: Editora Paulinas, 1992.

MONTENEGRO, Antônio; SOARES, Edla e TEDESCO, Alcides (organizadores). *Dom Helder, Peregrino da Utopia: Caminhos da Educação e da Política*. Recife: A Prefeitura; Ed. Universitária da UFPE, 2002.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Camara: Entre o Poder e a Profecia*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

SERBIN, Kernnet. P. *Diálogos na Sombra: Bispos e Militares, Tortura e Justiça Social na Ditadura*. Tradução de Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.